

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e o **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Uma experiência chamada Ceará

Paulo Wilton Xavier
paulo.wiltonxavier@hotmail.com

O Ceará, outrora reduzido a um sertão de subsistência, marcado pelo arado arcaico e pela dependência do ciclo das chuvas, hoje se insere no cenário nacional e internacional como modelo de gestão pública transformadora. A partir da segunda metade da década de 1980, sob a ruptura com o coronelismo, o novo modelo de desenvolvimento, adotado a partir de então, tinha como filosofia principal a consolidação de um parque industrial coeso no Estado, que ancorou-se na industrialização, na descentralização dos serviços e, sobretudo, na valorização do capital humano, pilares que se consolidaram em políticas sociais inovadoras.

Esse movimento significou o resgate da dignidade coletiva, ao oferecer à população historicamente marginalizada a possibilidade de inserção produtiva e de ascensão social. O enfrentamento do êxodo rural e das desigualdades

da região metropolitana à capital, mediante a criação de polos industriais e programas a longo prazo, demonstrou que a administração pública, quando dotada de racionalidade técnica e continuidade institucional, é capaz de inverter o destino trágico de um povo condenado a migrar. Hoje, o Ceará se projeta para além de suas fronteiras, com a aposta no hidrogênio verde, combustível do futuro, cuja matriz energética dialoga com a vocação natural do Estado: sol e ventos abundantes.

Eu, o leitor que vos escreve, na condição de amante do Ceará, apresento em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com a contribuição acadêmica de quatro ex-governadores, a análise de que nem o algoritmo da inteligência artificial poderia prever: um sertão simplório, incapaz de forjar suas próprias ferramentas, transforma-se em realidade pela força da administração pública. Um “Terral” que é exemplo de coragem histórica para um Brasil em convulsão.

Barroso sai de cena

Walber Santos de Andrade Filho
walberfilho313@gmail.com

Luís Roberto Barroso deixa o Supremo Tribunal Federal (STF) antes do previsto, encerrando um ciclo de doze anos que dificilmente passará despercebido pela História da Corte. E, como de hábito, não o fez com discrição. Seu gesto veio embalado num último discurso performático, simbólico e emocionado: o de que sua missão foi cumprida. Indicado por Dilma Rousseff para a vaga do ministro Ayres Britto, em 2013, Barroso era então uma estrela no firmamento acadêmico — professor titular da UERJ, mestre pela Universidade Yale (EUA), constitucionalista renomado, advogado das grandes causas da “moral progressista”.

Sua figura é inseparável do neoconstitucionalismo brasileiro, corrente que valoriza princípios e valores em detrimento da leitura estritamente legalista. Sai como personagem central da transformação do STF em protagonista político-institucional. Sua passagem representou mais que

uma trajetória individual, foi o avanço de uma agenda. O ministro nunca escondeu seu projeto de “civilizar o Brasil” contra o que via como a “cultura do atraso”. Para isso, judicializou costumes, empurrou as fronteiras dos direitos fundamentais e fez do ativismo judicial não uma patologia, mas uma virtude republicana. Defendia, sem corar, que o Judiciário devia compensar as deficiências do Legislativo. Era o “iluminismo de toga”, materializado em casos sobre união homoafetiva, descriminalização do aborto no primeiro trimestre, rejeição do marco temporal indígena e criminalização da homotransfobia.

Inicialmente severo no combate à corrupção — votou pela prisão em segunda instância e exaltou a Lava Jato —, depois recuou, criticando os “excessos” da operação quando a maré política mudou. Com sua aposentadoria antecipada, Barroso deixa o tribunal como um dos mais influentes ministros da História recente, mas, também, como símbolo de uma tensão permanente entre o juiz constitucional e o intelectual militante.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Minha escrita: um refúgio na era da pressão

Rachel Macedo
Professora

Escrever tem sido meu abrigo, a forma que encontrei de acolher minhas fragilidades e sentimentos mais íntimos. Transformar em palavras aquilo que atravessa a alma tem funcionado como um remédio.

Sou ansiosa e controladora. Faço acompanhamento terapêutico e psiquiátrico, mas a pandemia escancarou minhas vulnerabilidades. Em poucos meses, perdi meus pais e minha avó, e precisei lidar com a doença do meu irmão. Engoli os lutos, forçada a ser a “pessoa forte”, mas logo percebi que estava adoecendo.

Na sociedade acelerada, marcada por redes sociais e pela busca incessante por vidas perfeitas, escrever me traz alívio e acolhimento. Sempre escrevi apenas para mim, mas este ano decidi compartilhar meus sentimentos.

Escrevo para desacelerar, para registrar meus problemas, medos, afetos e até sonhos confusos. Minha cabeça e meu coração vivem cheios, e a escrita me permite transbordar.

Desejo que cada um encontre sua forma de acolher suas fragilidades, desacelerar e se perdoar. Minha escrita é livre de julgamentos e transborda sentimentos.

Doce melodia da despedida

Antônio Cícero Viana de Lima Neto
Ex-Correspondente **O POVO**

Oi, meu amor
Eu vou viajar
Mas para onde eu for
Você não vai me alcançar
Você pode até tentar me buscar
Mas não vai me encontrar
Pois para onde vou
Tento descobrir quem sou
No navegar das estrelas
Eu passo nas estreitas dessa canção
E em comoção me despeço do então
No fluir deste rio, eu vou passar
E sob a mão das moiras, tudo vai acabar.

CARLUS CAMPOS



Catedral de Fortaleza I

Maria José Monte Holanda
Escritora

Muitos de nós dos anos “enta” ouvimos ou pronunciamos a frase “está igual a Sé”, nos referindo a algo inacabado. Hoje, ela está ali no centro histórico onde surgiu o Forte Schoonenborch e teve início a cidade. Localizada na praça Pedro II, também conhecida por praça da Sé, de 1938 a 1978 realizou-se sua construção. Comparada às antigas construções monumentais europeias onde algumas passavam de um século a outro para serem finalizadas, o nosso tempo não foi tanto. Mas as diferenças são visíveis entre aquelas e a nossa.

Em estilo neogótico, a catedral de Fortaleza imponente e bonita condiz com a tradição de grandiosos templos cristãos, o que se mantém ao longo dos tempos. O interior amplo em cores claras, arcos ogivais, belos vitrais refletindo a luz que vem de fora, paredes que nos dão a impressão de

mais leveza, não divide nossa atenção com o ouro e o fausto. Não tem a opulência e esplendor das europeias, mas condiz com o verdadeiro objetivo do local: orar, meditar e participar de consagrações.

Conhecendo as magníficas catedrais da Europa, como cristã me questionei o porquê de tanta suntuosidade, se Cristo orava e pregava em ambientes externos, ao ar livre e diante da natureza. Mas os tempos eram outros e encontrei justificativas. Nas catedrais medievais da Europa, o luxo e a ostentação eram justificados pela missão e o poder que a Igreja tinha em ungir os reis da França; as demais por todo o continente eram vistas como um símbolo de fé, de amor, onde o Espírito de Deus pairava ao mesmo tempo sobre o homem e a criação. Todos os fiéis contribuíam na construção: o povo oferecia seus braços, o burguês seu dinheiro, o barão sua terra, o artista seu gênio.

Rezadeira profissional

Eduardo Loureiro Jr.
Professor universitário, doutor em Educação

Toda manhã, antes das oito, ela chega à rua Senador Pompeu com uma pasta e um terço gasto. Cumprimenta o porteiro com a solenidade de quem vai a um velório, mas sobe para o primeiro andar, onde funciona o setor de Prevenção Espiritual. O curioso é que, no crachá, não está escrito “Rezadeira”, mas “Assistente de longevidade”.

Dona Eudóxia leva o título a sério. Na sua pasta, relatórios com nomes, idades, enfermidades e o tempo mínimo para o investimento compensar: uma média de trinta e quatro meses. Antes disso, cada falecimento é prejuízo. Depois disso, lucro e bênção contábil.

Entre uma Ave Maria e um relatório, dona Eudóxia faz suas preces personalizadas. “Seu Amaro, sessenta e três, fumante, bom pagador — que São Sebastião lhe desobstrua os bronquíolos até o boleto de dezembro.” “Dona Rita, cardíaca, fiel ao débito automático — que o Sagrado Coração conserve o dela pelo menos até 2027”.

Os colegas do setor financeiro da funerária acham graça e dizem que ela é uma superstição da empresa, uma herança dos tempos em que o dono era devoto de Santo Expedito. Mas o gerente, homem prático, mantém o cargo porque os relatórios são claros: quando dona Eudóxia entra em férias, a taxa de mortalidade dos segurados sobe em dezessete por cento. Num ramo em que o lucro depende do adiamento da morte, isso vale mais que qualquer milagre de marketing.

Quando perguntada se não há conflito entre fé e negócio, ela sorri:

— Rezar pra pessoa viver mais nunca foi pecado. Pecado seria deixar ela morrer devendo.

Na saída, passa na capela e acende meia vela para Santo Lázaro. A outra metade guarda para quando o cliente compensar o investimento. “Aí, se quiser descansar, já tá tudo certo com a empresa”, diz, equilibrando o terço, a planilha e a fé — três coisas que, para ela, dão o mesmo rendimento.



Rezar pra pessoa viver mais nunca foi pecado. Pecado seria deixar ela morrer devendo.